

Samba-enredo: Um espaço político no Carnaval¹

Onan Ferreira da Silva²

Universidade Estadual de São Paulo - UNESP

RESUMO

Com o foco na problemática: Como as escolas de samba utilizam o samba enredo como ferramenta folk? A pesquisa pontuou como objetivos específicos: Analisar o samba enredo da agremiação Paraíso do Tuiuti; compreender os códigos folkcomunicacionais; mostrar como o samba enredo pode ser considerado ferramenta folk das classes marginalizadas. Como metodologia, buscou-se fazer pesquisa documental e bibliográfica e analisar o samba enredo na perspectiva da Folkcomunicação. Para além da análise, tenta-se contar a história de Xica Manincongô, considerada a primeira travesti do Brasil, um marco histórico no Carnaval e na pauta LGBTQIAPN+.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Carnaval; LGBTQIAPN+; Comunicação.

INTRODUÇÃO

O Carnaval no Brasil é uma das manifestações populares que há muito tempo é comemorado em massa, considerado também um dos eventos mais famosos do mundo. Ao falar sobre o Carnaval, remetemos à memória o brilho, diversão, criatividade e folia. Atualmente é uma das festas que marca a identidade do povo brasileiro.

No decorrer do tempo, o Carnaval foi utilizado para abordar pautas importantes que permeiam na sociedade civil. Muitos temas já se passaram pela avenida em desfiles criativos e glamourosos, vale ressaltar a importância das abordagens que essa manifestação popular realiza. Pertencimento, críticas, acolhimento, homenagens, esses são alguns adjetivos que podem descrever o que a maioria dos sambas enredos levados para as apresentações das escolas durante o tempo de desfile (de 70 a 80 minutos no Rio de Janeiro e 55 a 65 minutos em São Paulo). Muito além de uma festa, ele repercute os conflitos, as tensões e os desejos de reflexão e mudança da sociedade.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Folkcomunicação, Mídia, Cultura Popular e Cultura Underground, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Jornalista, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp, e-mail: onan-ferreira.silva@unesp.br.

O Carnaval, visto muitas das vezes como apenas uma festa popular e um momento da quebra rotineira de trabalho, afazeres domésticos, diversão, é também um espaço político que historicamente vem implementando pautas sociais. E como esse espaço de política podemos citá-lo como: voz das periferias e das comunidades marginalizadas, temas críticos nos desfiles, crítica social através da arte, resistência cultural, espaço de reivindicação e protesto.

Colocamos em questão a análise do samba enredo da agremiação de São Cristóvão, da Zona Norte do Rio de Janeiro, a escola de samba Paraíso do Tuiuti. O tema que a agremiação apresentou foi sobre Xica Maninongo, considerada a primeira travesti do Brasil, uma pessoa negra e escravizada que viveu na era da colonização. Interessante poder mencionar nesse estudo a capacidade que o samba enredo dentro da musicalidade consegue expressar a história de Xica Maninongo. A composição musical é o tom o qual os desfiles das escolas de samba atravessam a avenida e marcam suas apresentações. Lopes Júnior (2016), enfatiza:

A música é uma das mais antigas expressões artísticas que temos registro desde os tempos mais remotos da espécie humana. Seja através de desenhos em antigas cavernas, rabiscos em papiros, quadros, ou qualquer outro tipo de manifestação comunicacional, a música está lá representada em um desenho do “tataravô” de algum instrumento musical conhecido por nós, ou até mesmo representada de forma implícita na dança de algum ritual mágico ou religioso. Partindo dessa perspectiva, vale ressaltar que a comunicação e a música estão intrinsicamente ligadas, sendo a música uma maneira própria de também comunicar. (Lopes Júnior, 2016, p. 2).

Os temas dos enredos escolhidos para os desfiles costumam ser conteúdos sensíveis, urgentes, e emergentes das classes marginalizadas como: o racismo estrutural, desigualdade social, resistência dos povos indígenas, censura e a política no Brasil, assim também como homenagens a figuras importantes (artistas, cantores, etc). As composições artísticas dos sambas-enredos, por meio da arte, fantasias, carros alegóricos, bordões, veiculadas na manifestação popular, alcançam o povo muitas das vezes com mais impacto que os discursos políticos formais.

Portanto, é possível observar o Carnaval, como espaço político. É um momento do qual o povo utiliza como palco para manifestar, contestar, organizar e reivindicar. A cultura popular, nesse contexto, não é somente para o entretenimento, e além disso, se torna ferramenta de denúncia, transformação e resistência. Pontuaremos a seguir o caminho percorrido nessa pesquisa.

MÉTODOS

Para a realização deste estudo primeiramente realizou-se a pesquisa documental e bibliográfica buscando reunir informações sobre o conceito de Folkcomunicação e o carnaval. Em seguida, foi feito a análise do samba enredo na perspectiva da teoria da Folkcomunicação, com a finalidade de identificar o samba enredo como processo comunicacional. E como almejado no estudo retratar também a invisibilidade de pessoas LGBTQIAPN+, bem como a história de Xica Manincongô e a realidade da comunidade frente aos preconceitos enfrentados na sociedade.

FOLKCOMUNICAÇÃO E CARNAVAL: VOZ E FESTA DO POVO

A Folkcomunicação torna-se importante, por ser um estudo que se apoia em metodologias e na teoria que valoriza as tradições populares, analisando os processos comunicativos presentes em rituais e manifestações populares que emergem do povo. E, como proposta nessa pesquisa, a utilizamos para analisar o samba enredo da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti, como ferramenta folkcomunicativa, pois dialoga com o conceito de Beltrão a respeito da Folkcomunicação, na qual conceituou como: “o processo de intercâmbio de informações de ideias e atitudes de massa através dos agentes e meios ligados direta e indiretamente ao folclore”. (Beltrão, 1965). O mesmo autor e criador da teoria conclui que:

Folkcomunicação é absolutamente necessária, notadamente em países como o nosso, de elevado índice de analfabetos, de disseminação irregular, de reconhecida má distribuição de rendas e acentuado nível de pauperismo caracterizado, em consequência destes e de outros fatores, por frequentes crises institucionais que conduzem à inevitável instabilidade política. (Beltrão, 2007, p. 41).

Luiz Beltrão foi uma figura importante no cenário brasileiro sobre os estudos de Comunicação, tornando-se o primeiro doutor no Brasil com sua tese defendida no ano de 1967, na Universidade de Brasília, e teve seus estudos disseminados na América Latina. Sua inquietação era a respeito de como as classes subalternas se comunicavam e de que forma essas classes discutiam suas pautas sociais se não mantinham acesso aos meios de comunicação de massa.

Em função disso, mais adiante, outros pesquisadores também se propuseram a estudar as manifestações populares, mas não o teor de entretenimento, e sim como ferramentas utilizadas nos processos comunicativos dentro dos grupos sociais e culturais.

Estabelecido então os estudos sobre comunicação, pesquisadores como Maciel e Coelho (2022), propunham um olhar sobre Folkcomunicação:

A Folkcomunicação é a comunicação realizada em nível popular que acontece independentemente da vontade das classes elitizadas e da mídia de massa, analisando processos de comunicação em contextos rurais e urbanos. Ela estuda os grupos culturalmente marginalizados que funcionam como agentes de contestação das normas e valores sociais e que, no caso do carnaval, encontram na festa o ambiente propício para se manifestar. (Maciel; Coelho, 2022, p. 1-2).

Com isso, os estudos de Beltrão tiveram como base o folclore brasileiro, sem de fato estudar o brilho das festas populares e rituais, todavia observando e definindo outras maneiras de entender a comunicação que toda mobilidade popular transmitia na cadeia comunicacional, sem deixar de lado o folclore. Diante disso, Marques de Melo (2007), afirma:

O objeto de pesquisa dessa nova disciplina encontra-se na fronteira entre Folclore (resgate e interpretação de cultura popular) e a Comunicação de Massa (difusão industrial de símbolos, através de meios mecânicos eletrônicos, destinados a audiências amplas, anônimas e heterogêneas). Se o Folclore compreende as formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas, a Folkcomunicação, caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar em linguagem popular mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural. (Marques de Melo, 2007, p. 21).

Ou seja, no carnaval é possível que o samba enredo seja uma ferramenta folkcomunicativa utilizada como processo comunicacional, capaz de conter códigos, bordões, expressões e símbolos referentes a um grupo social/subalterno onde tudo faz sentido. O carnaval, com seus desfiles, blocos, músicas, fantasias e performances, é um espaço rico em manifestação de ideias, opiniões, contestações e reivindicações.

De acordo com Henrique Aquino (2017), normalmente essas formas de comunicação são criadas com o intuito de preencher uma necessidade específica, muitas delas girando em torno da própria sobrevivência (Aquino, 2017, p. 9). As agremiações carnavalescas, por meio dos sambas enredos promovem a explicação de histórias, homenagens, críticas e até mesmo episódios silenciados que não se vê nas grandes mídias. E de forma criativa, festiva e espontânea, grupos marginalizados expressam suas mensagens e é quando o próprio povo aciona seus códigos para comunicar suas experiências e reivindicações. E é isso que analisaremos a seguir.

Quem tem medo de Xica Manincongo?

O tema da escola de samba Paraíso do Tuiuti no ano de 2025, foi um resgate a história de Xica Manincongo. Considerada a primeira travesti do Brasil, foi uma negra e escravizada que viveu no período colonial. Ela foi perseguida e punida por expressar sua identidade de gênero e desafiar as normas impostas pela colonização. Esse é um dos primeiros registros de repressão à população trans no Brasil, evidenciando como a transfobia e o racismo caminham juntos na história do país.

A relevância de trazer à tona no Carnaval a história de Xica Manincongo, permite que possamos analisar o samba enredo como ferramenta de denúncia e valorização da diversidade. Por meio da musicalidade, é possível identificar em trechos como “*a bicha, invertida e vulgar/ A voz que calou o sistema/ A bruxa do conservador/ O prazer e a dor/ Fui pombogirar na Jurema*”, o trecho provoca o questionamento de padrões impostos pela sociedade, bem como promove empatia e reflexão.

A utilização da expressão Pajubá, é uma espécie de linguagem das travestis que utilizavam desses códigos como forma de comunicação. É hoje um modo de resistência, pois as mesmas utilizavam desse dialeto para se comunicarem e muitas das vezes para se salvarem de situações de perigo. *Acuendá, xoxá e fuzuê*, respectivamente usadas na linguagem Pajubá. *Acuendá* significa “esconder”; *xoxá* significa “insultar” e *fuzuê* “confusão”.

Assim, com base na teoria da Folkcomunicação é possível afirmar que o samba enredo é uma ferramenta folkcomunicacional, cria-se um meio no qual um grupo social usufrui de um vocabulário e ressignificam esses códigos. São mensagens transmitidas pela música que normalmente cumprem a finalidade de contar uma história, com a própria linguagem, símbolos e emoções, rompendo com os discursos hegemônicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vim da África Mãe, ê-oh
Mas se a vida é vã, ê-oh
Mumunha
Imbanda me fiz
Nganga é raiz
Eu pego o touro na unha
Canta pra Exu
Eh, Pajubá
Acuendá sem xoxá pra fazer fuzuê
É Mojubá
Põe marafo, fubá e dendê (eh,
Pajubá)

Só não venha me julgar, oh, oh
Pela boca que eu beijo
Pela cor da minha blusa
E a fé que eu professor

Não venha me julgar
Eu conheço o meu desejo
Este dedo que acusa
Não vai me fazer parar
Faz tempo que eu digo não
Ao velho discurso cristão
Sou Manicongo

Há duas cabeças em um coração
São tantas e uma só
Eu sou a transição
Carrego dois mundos no ombro

Eu sou
A bicha, invertida e vulgar
A voz que calou o sistema
A bruxa do conservador
O prazer e a dor
Fui pombogirar na Jurema

Chama a Navalha, a da Praia e a
Padilha
As perseguidas na parada popular
E a Mavambo reza na mesma cartilha
Pra quem tem medo o meu povo vai
gritar
Eu travesti
Estou no cruzo da esquina
Pra enfrentar a chacina
Que assim se faça

Meu Tuiuti
Que o Brasil da terra plana
Tenha consciência humana
Chica vive na fumaça (eh, Pajubá)

Composição: Cláudio Russo/
Gustavo Clarão.

Portanto, podemos observar que o samba enredo em questão, é mais que uma homenagem ou contar uma história. É uma intervenção política e cultural feita pelo viés da Folkcomunicação. E ao propormos a problemática: Como as escolas de samba utilizam do samba enredo como dispositivo folkcomunicacional? Compreendemos que o samba enredo é um canal no qual é possível transmitir mensagens, e entender como são usadas para inteligibilizar essas informações as camadas populares.

O enredo que Paraíso do Tuiuti levou para o desfile de 2025, passou pela avenida como forma de ato político de reconhecimento e reparação. Esse marco é um ponto importante para a população trans e travesti no Brasil, que há séculos resiste ao apagamento e à violência. Em um país que consome os corpos travestis e trans para o prazer é o mesmo que o mata. Em escala mundial o Brasil é um dos primeiros países que ainda mais mata pessoas da comunidade LGBTQIAPN+.

Faz-se necessário que histórias importantes como de Xica Manincongô sejam contadas e transmitam informações de firmamento de direitos, de memórias e vozes de pessoas que historicamente foram silenciadas. O carnaval, através do samba enredo então, gera essa resistência e reconexão com as camadas populares, reafirmando-se como um canal popular de comunicação social.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Henrique Perazzi de. **O invisível midiático social**: interfaces folkcomunicativas de personagens populares bauruenses excluídos da mídia hegemônica – FAAC – UNESP, Bauru, 2017.

BELTRÃO, Luiz. O ex-voto como veículo jornalístico. **Comunicações & Problemas**, 1965.

BELTRÃO, Luiz. A comunicação dos marginalizados. In: **Folkcomunicação – a mídia dos excluídos** / Prefeitura do Rio de Janeiro: - Rio de Janeiro: A Secretaria, 2007.

LOPES JÚNIOR, Rubens. **No ritmo do samba**: Um olhar folkcomunicacional. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, 2016.

MACIEL, Maria Paula; COELHO, Gabriela Rocha Barros. **Evoé Pernambuco**: o poder da festa popular do carnaval para reafirmação do ser a partir da folkcomunicação, 2022.

MARQUES DE MELO, José. Folkcomunicação. In: **Noções Básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. / organizado por Sérgio Luiz Gadini e Karina Janz Woitowicz. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.